

A LEI DOS PUROS

O IMPÉRIO MALDITO

FOCAS E GELEIRAS

Enquanto a situação no resto do mundo evoluía para uma corrida contra o tempo, Daniel tentava imaginar uma solução para a situação de isolamento em que se encontrava. Já vinha se mantendo fora de circulação há muito tempo, desde a perseguição que sofrera após o ataque à Caverna. Tomara a decisão de permanecer absolutamente quieto, preservando os seus comandados e a sua esquadrilha de Gárgulas do poder da União. Havia conseguido um bom esconderijo, sob o manto de neve e gelo que cobria a superfície da Antártica e se sentia muito seguro ali.

As quatro Gárgulas estavam paradas bem próximas e tuneis na neve haviam sido feitos para que os policiais pudessem circular de um aparelho para outro. Como o alimento havia começado a faltar, Daniel teve que mandar pequenas equipes de caça aos limites do gelo, para procurar pinguins e leões marinhos e tentar pescar alguma coisa. O problema era a segurança. Se fossem vistos, seriam imediatamente identificados como os rebeldes fugitivos e, provavelmente, logo em seguida toda a calota polar seria varrida por artefatos nucleares.

Enviava grupos de quatro pessoas no máximo, transportadas pelos módulos de inspeção. O grupo montava abrigos temporários, para servirem de base para suas caçadas e esconderem a carne que conseguissem. Os módulos voltavam para junto das Gárgulas, no esconderijo em baixo do gelo e só saíam para trazer os caçadores de volta, no dia e hora estabelecidos. Até lá eles ficavam isolados, sem nenhuma ligação com Daniel.

Aquela situação não agradava o tenente. Não poderiam ficar ali indefinidamente. Mas o que mais incomodava o jovem era a ausência de Joana. Só não havia se desesperado porque confiava em Pedro e tinha certeza de que ele não iria se deixar apanhar pelas forças da União. Joana devia estar em segurança. Ou não... esta incerteza deixava Daniel desesperado e louco para fazer alguma coisa.

Havia levado uma equipe de operadores de rádio para a superfície, junto com o equipamento de comunicação mais poderoso que conseguira retirar das suas aeronaves. Montaram antenas o mais perfeitas possíveis e tentavam contato pelas redes da Comunidade. As equipes se revezavam para não morrerem de frio e aquilo se transformava em mais um perigo. Não iria demorar para serem localizados, com os módulos se deslocando para lá e para cá sempre que precisavam de alguma coisa da superfície. Se o Inimigo conseguisse descobrir os processos de comunicação da Comunidade, aí mesmo é que seriam facilmente descobertos.

De vez em quando, as equipes reportavam que esquadrilhas de caças inimigos sobrevoavam a região, como que tentando achar algum indício deles. Passavam muito alto, provavelmente vasculhando a área com seus radares, mas de vez em quando um dos jatos se desgarrava da formação e voava baixo, como que conferindo qualquer imagem suspeita obtida por seus sensores. Nessa hora as equipes se recolhiam rapidamente aos abrigos, na verdade buracos cavados na neve, com profundidade suficiente para disfarçar o calor de seus corpos.

Em uma dessas substituições, Daniel resolveu participar da equipe que iria cumprir o período seguinte. Não aguentava mais ficar encarcerado em baixo daquelas montanhas de gelo, sem poder fazer nada além de esperar. Desceu do módulo rapidamente e foi com seus três companheiros para o abrigo que as turmas anteriores já haviam preparado. Após o retorno do módulo, esperaram mais um pouco observando o entorno e, como nenhum perigo foi identificado, saíram para a caça, já que haviam sido informados que os animais estavam ficando cada vez mais raros naquele local, provavelmente pela ação das equipes anteriores.

Naquele dia não conseguiram pegar absolutamente nada. Parecia que realmente os bichos haviam fugido dali com medo do ser humano. O mesmo se repetiu nos dias subseqüentes e a caça que conseguiam pegar mal dava para o próprio sustento.

Na véspera do dia do resgate, avistaram uma foca bem grande em um local já um pouco distante, em uma enseada que margeava um enorme paredão de gelo. Apesar do medo que aquela parede prestes a cair transmitia, resolveram prosseguir na caçada. Conseguiram surpreendê-lo e alguns tiros bem precisos, dados pelo fuzil de Daniel, foram suficientes para derrubar o animal. O bicho sozinho iria preencher todo o espaço reservado para a carga nos módulos de inspeção. Como a foca não poderia ser arrastada para o fundo do abrigo, resolveram deixá-la no local onde havia sido abatida, já que animais mortos não chamariam a atenção das patrulhas do inimigo.

Os policiais ficaram tão empenhados na caçada, empolgados pelo tamanho do animal, que não perceberam a aparição de uma esquadrilha inimiga nos céus da região. Quando já estavam arrastando o bicho com dificuldade para longe da água, perceberam a aproximação em círculos de um jato inimigo, que saíra da formação e perdia rapidamente altura.

Os quatro correram para dentro da água e mergulharam imediatamente, tentando afundar rapidamente, apesar da flutuação das pesadas roupas que usavam. Conseguiram se esconder entre os blocos de gelo que boiavam por ali e ficaram observando a aeronave inimiga. O jato deu um rasante sobre a carcaça da foca e fez em seguida uma volta mais adiante, iniciando nova aproximação. A operação foi repetida mais algumas vezes, cada vez mais baixo, mais próximo do paredão e fazendo mais barulho. O piloto parecia tão absorto no que fazia, que não percebia o perigo que corria ao voar daquela forma.

Na quarta passagem baixa da aeronave o paredão praticamente explodiu em toda a extensão e o jato, momentaneamente, se viu voando dentro de um grande túnel branco. Grandes pedaços de gelo voavam por todos os lados e, antes que o piloto conseguisse sair daquele inferno, uma grande pedra transparente atingiu a asa do aparelho que rodopiou instantaneamente e afundou de nariz na neve, levantando uma nuvem de poeira e gelo. Os policiais, submersos na água gelada, assistiram impotentes ao desmoronamento da geleira e à queda do avião, preocupados eles próprios em sobreviver.

Assim que as pedras pararam de cair, os quatro saíram de água e correram para os destroços do jato. Graças à neve fofa o aparelho não havia explodido. Embora estivesse destruído, os diversos compartimentos ainda estavam intactos e as suas partes podiam ser acessadas. Na cabine podia-se ver que o piloto havia sido atravessado por uma das longarinas da fuselagem e morrera na hora do acidente, sem chances de qualquer reação.

Daniel procurou por alguma coisa que estivesse ainda transmitindo e pudesse lhes confirmar a razão pela qual o avião sobrevoava na Antártida naquele momento. Por mais que tentasse não conseguia localizar nenhum equipamento que pudesse lhes dar alguma informação a respeito. De repente, observa um pequeno “pen-drive” espetado no radar de busca do jato. Retira de seu encaixe e o coloca no bolso, imaginando que contenha os arquivos dos códigos estabelecidos para aquela missão.

- “Comandante, vamos sumir logo daqui. Não demora muito e os outros pilotos tentarão descobrir o que aconteceu com o companheiro deles. Precisamos voltar para o nosso buraco!” - Falou o sargento da equipe.

- “Tem razão. Não tem jeito. Nada funciona mais por aqui. Vamos ter que abandonar a nossa suculenta foca e rezar para chegarmos ao esconderijo antes de sermos avistados.”

Daniel puxa o corpo para fora da cabine e quando já ia pular para o chão avista a prancheta do piloto presa à sua perna. O uso da prancheta de voo era um hábito que não havia sido abandonado, apesar das inúmeras inovações tecnológicas disponibilizadas dentro dos postos de pilotagem modernos. Na prancheta o piloto anotava todos os principais detalhes da missão, além das frequências e indicativos estabelecidos para ela. Tudo isso ele podia acessar durante o voo, bastando dar uma rápida olhada para a coxa onde ficava fixado o pequeno livreto de folhas plásticas. O tenente percebeu o valor do achado e a sorte que tivera em encontrá-lo. Arrancou a prancheta da perna do cadáver e saltou da cabine, correndo atrás dos demais policiais.

Mal haviam chegado ao esconderijo e mais dois jatos já desciam do céu para sobrevoar o local do acidente. Os policiais acompanhavam de longe a busca das aeronaves e o lançamento de algo semelhante a um cilindro, antes deles ganharem altura e se afastarem do local.

- “Deve ser uma baliza eletrônica para identificarem o ponto da queda. Devem mandar em seguida um helicóptero ou um Zonte para fazer o resgate e a investigação do acidente.” - fala um dos policiais.

- “Temos que sumir daqui. Não sei o que o piloto informou antes de cair. De qualquer forma, acredito que todos os satélites militares com radares de reconhecimento serão redirecionados para cá a partir de agora, o que nos coloca em extremo perigo.”

- “Sorte que o módulo vem nos resgatar esta noite. Ou azar. Se identificarem algo tão diferente voando na Antártica, não terão dúvidas de que estamos por aqui. E o pior é que não temos como antecipar ou adiar o resgate, já que não temos como falar com eles.”

O pequeno grupo esperou pacientemente e cheio de ansiedade a chegada da rápida e tênue noite austral e do módulo que a deveria acompanhar. Na hora marcada, o pequeno cilindro surgiu veloz, pairando sobre o buraco que servia de abrigo. Os quatro entraram rapidamente, fazendo sinal para que o piloto sumisse dali.

- “Como assim! Cadê a caça! Todos os outros grupos foram bem sucedidos. O comandante atrapalhou vocês?” - falou o piloto, brincando.

- “Some daqui porque nós fomos descobertos!”

Ao mesmo tempo em que arregalava os olhos, o piloto comandava o seu aparelho para frente, realizando uma decolagem raspando o gelo e jogando os passageiros de encontro à fuselagem. Em instantes, antes mesmo que eles se recuperassem da arrancada, o módulo já estava entrando pelo buraco aberto na superfície para chegar até onde as Gárgulas se escondiam.

Daniel ordena que apaguem todos os possíveis vestígios da presença deles naquela região e chama os sargentos comandantes dos outros três vetores para se reunirem com ele.

Enquanto esperava, tratou de analisar os arquivos extraídos do “pen-drive” do inimigo. Realmente, ali estavam todos os códigos e saltos de frequência que modulavam as comunicações militares utilizadas pelo Sistema naquela operação. Poderiam passar a escutar as conversas entre eles a partir de agora. Já a prancheta, trazia informações mais interessantes ainda: a própria Ordem de Operações do Comando Geral estava presa no clipe metálico. Nela dizia que os “discos voadores” do inimigo deveriam ser procurados sem trégua, já que, pelo menos sete ou oito ainda não haviam sido destruídos.

- “Nossos amigos ainda estão vivos!” - murmura Daniel com alegria.